

Brasiliense bebe água poluída

Robson Fernandes

Lucia Araújo

Os córregos da região rural de Taguatinga e Ceilândia poluem a Bacia do Rio Descoberto, que abastece de água potável as populações de Brasília, com resíduos agrotóxicos deixados por centenas de pequenos agricultores nas suas margens. A denúncia, do diretor-executivo da Fundação Zoobotânica, Manuel Torres, traz à tona a questão da falta de controle na comercialização e utilização dos defensivos agrícolas.

Enquanto nos estados do Sul do país é em São Paulo o agricultores somente têm direito a adquirir pesticidas mediante apresentação da receita agrônômica, no Distrito Federal qualquer pessoa pode comprá-los facilmente. A questão se agrava quando se sabe que boa parte dos lavradores das pequenas propriedades mal sabem ler. O modo de utilização do defensivo acompanha a embalagem do produto. Se o usuário não sabe ler, ele usa a quantidade que quiser.

A área, em volta do lago, foi desapropriada pela Caesb para impedir a poluição, mas, segundo Manuel Torres, é necessário uma vigilância constante às margens dos córregos contribuintes. A Fundação Zoobotânica pode fazer isso de maneira parcial, na medida em que dá assistência técnica aos arrendatários de terras próximas. Uma área de seis mil hectares, por exemplo, situada próxima à Brazlândia, foi recentemente cedida pelo Incra para a Fundação administrar.

Defesa do agrotóxico

A região rural de Taguatinga, entretanto, possui números invasores. São pequenos chacareiros que cultivam verduras e frutas para comercialização em Brasília. O chacareiro Ernani Batista, dono de uma propriedade às margens do córrego Rodeador, que desemboca no lago represado pela Barragem Santo Antônio do Descoberto, usa "muitos venenos", segundo informa seu empregado, Sebastião Ambrosino. A chácara não é legalizada. Lá são cultivados beterraba, quiabo, gilo, abobrinha e cenoura. Os defensivos mais usados são Fosdrim, Decise e Ranudop.

Segundo o pesquisador e técnico da Embrapa, J.A. Ventocilla, estes agrotóxicos são degradáveis e não trazem muito perigo aos consumidores. Existem outros, no entanto, que são altamente tóxicos, como o DDT, largamente utilizado pelos agricultores no Brasil. Ventocilla defende os agrotóxicos, responsáveis, segundo ele, pelo aumento populacional. Depois que eles foram descobertos, ensina, a oferta de alimentos ficou maior, com consequente melhoria no nível de vida. "O problema é que os defensivos são utilizados indiscriminadamente".

Segundo ele, o agricultor lê na bula do remédio que deve ser colocado um copo do produto para cem litros de água, por hectare. Da segunda vez em que utiliza o defensivo, ele já utiliza uma mão como medida. Outros acham que a quantidade indicada pelo fabricante é muito pequena, e aplicam o que querem. Somente a educação pode sanar o problema, afirma.

O lavrador, prossegue, não está preocupado com danos à população, mas com o lucro que vai obter na colheita. O inseticida aplicado em grande quantidade é levado do solo pela água da chuva até o córrego. As águas desembocam no São Bartolomeu e a poluição se concretiza. Esta água vai parar nas torneiras da população de Taguatinga, Ceilândia, Brazlândia, Plano Piloto, Guarã, Gama e Núcleo Bandeirante.

Esta distorção tem que ser corrigida, explica Ventocilla, com a educação do lavrador desde que ele ainda é uma criança nas escolas rurais.

Outro problema constatado pelo técnico da Embrapa é o número excessivo de defensivos registrados no Ministério da Agricultura, muitos deles com as mesmas propriedades e nomes diferentes. Ao todo existem cinco mil. Muitos são inofensivos. Os preparados à base de cloro já são considerados venenos. Eles não se diluem na água nem se degradam no organismo humano. Ventocilla cita o Aldrim, Dentrin e o DDT. Este último tem a mesma toxicidade que a aspirina, mas leva 30 anos para se degradar. O ser humano que ingere trinta gramas deste veneno morre. Os fungicidas são cancerígenos, se utilizados indiscriminadamente. A questão é: até que ponto pode-se controlar sua utilização?

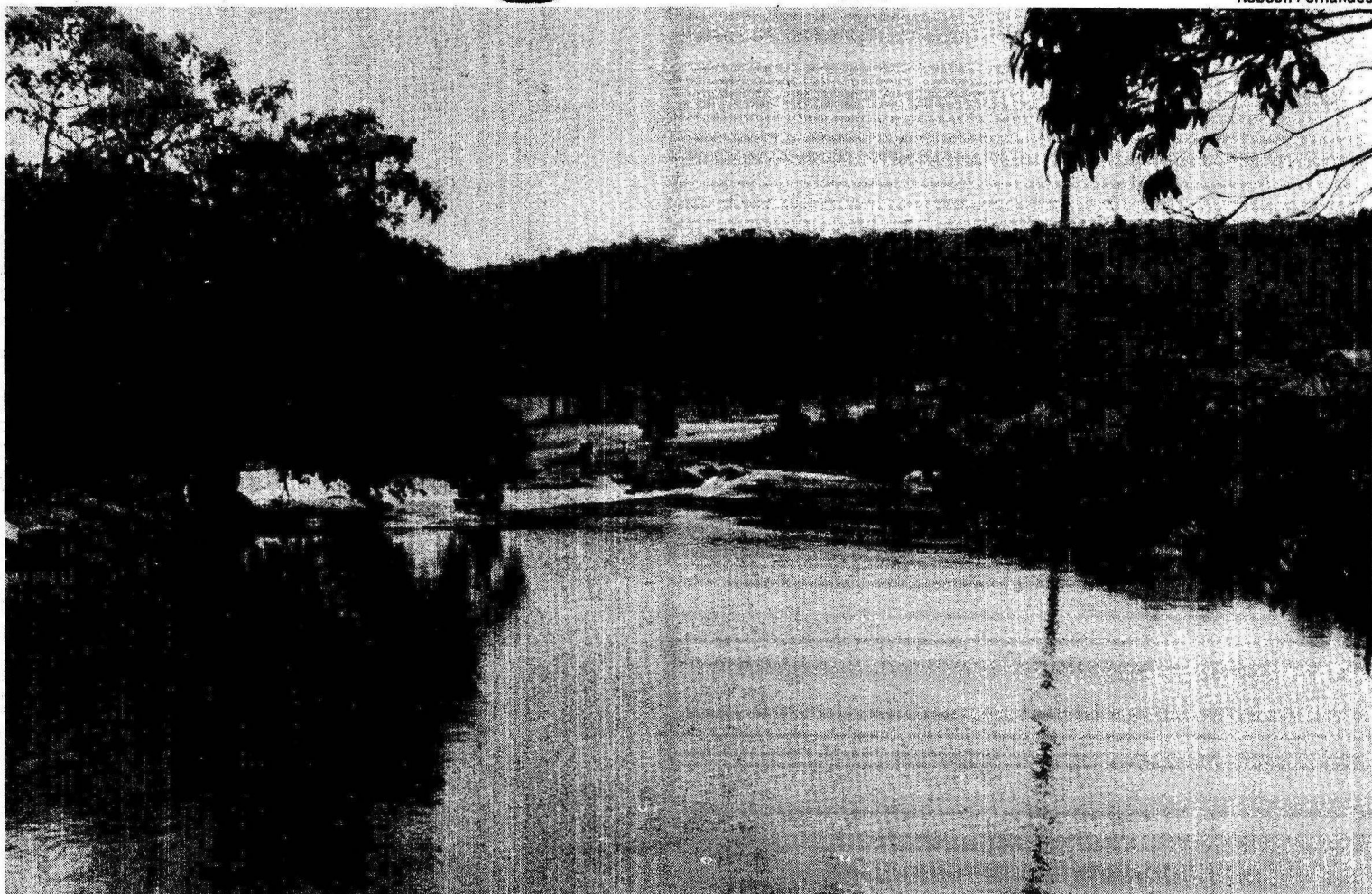
Apesar destas ameaças, Ventocilla acha que a terra ainda é muito jovem para alarma. Daqui a dez anos, entretanto, ele acredita que o cerrado estará alimentando vários estados brasileiros. Aí o controle deve ser mais rígido.

Maior controle

O diretor de Operações da Caesb, Valder Suriani, disse que a Caesb tem conhecimento deste tipo de poluição na Bacia do Descoberto. No final da década de 70, técnicos realizaram monitoramento nos córregos e foi constatado a presença de defensivos agrícolas em peixes. O índice de contaminação, na época, estava ainda muito abaixo do limite de tolerância.

Valder credita esta contaminação, basicamente, à aplicação inadequada de defensivos na zona rural. Existe uma programação estabelecida para o próximo ano, segundo informou o diretor de Operações da Caesb, que prevê maior controle deste problema. A empresa adquiriu equipamentos de análise laboratorial destinados a avaliar a quantidade de pesticidas nos peixes.

O controle poderá ser mais eficaz, explica, com o decreto assinado segunda-feira instituindo áreas de proteção ambiental no Distrito Federal. Uma delas diz respeito à Bacia do Descoberto. A Caesb pretende desenvolver no local um projeto de custo aproximado de 100 milhões de cruzeiros, destinado a pesquisas de utilização racional do solo da área, além de reflorestamento e plantio de culturas não poluentes. Segundo Valder, com a criação desta área de proteção ambiental, a Caesb tem, agora, o instrumento legal para tratamento sistematizado, podendo agilizar os trabalhos e impedir que o problema alcance maiores proporções.



Defensivos agrícolas utilizados em propriedades ilegais nas margens dos córregos, estão poluindo a Barragem do Descoberto